

## PÓ E RENO<sup>1</sup>

FRIEDRICH ENGELS

### INTRODUÇÃO DOS ORGANIZADORES

Apresentamos nesta edição da Revista *Novos Rumos* as partes III e IV do panfleto “Pó e Reno”, inédito em língua portuguesa, concluindo publicação iniciada em 2020, no volume 57 da revista, por ocasião dos 200 anos de nascimento de Friedrich Engels, na seção *Clássicos/Documentos* que sempre abre as edições de nosso periódico.

O panfleto tem importância estratégica nas reflexões do autor, e foi escrito entre final de fevereiro e início de março de 1859, tendo sido publicado pela primeira vez, anonimamente, em Berlim, em abril de 1859.

Engels remete às questões dos processos de unificação da Alemanha e Itália não resolvidas nas Revoluções de 1848-49 e que, com a vitória da contrarrevolução burguesa, ficaram pendentes.

Com o fim da primeira crise econômica mundial do capitalismo o assunto voltou à tona com a presença da França bonapartista e do Império Austríaco. Às vésperas da eclosão do conflito, Engels analisa em perspectiva histórica – nas quatro partes que compõem o livreto – os aspectos militares, os interesses e as possibilidades estratégicas dos participantes no teatro da guerra.

Sugerimos ao leitor que acesse as Partes I e II, no link abaixo,<sup>2</sup> composta, respectivamente, de uma Introdução feita à época, e do texto propriamente dito.

### PARTE III

O que vale para um vale para o outro. Se exigirmos o Pó e o Mincio para proteção, não tanto contra os italianos, como contra os franceses, não nos surpreenderemos se os franceses também reivindicarem linhas fluviais para proteção contra nós.

---

<sup>1</sup> Fonte: Karl Marx/Friedrich Engels Collected Works, Volume 16, p. 223 e ss. Organização da seção *Clássicos/Documentos*, Parte II - Engels, por Angélica Lovatto e Paulo Douglas Barsotti. Seleção de textos por Paulo Douglas Barsotti. Tradução do original em inglês de Paulo Barsotti e Angélica Lovatto.

<sup>2</sup> A primeira e segunda parte de “Pó e Reno” foram publicadas na Revista *Novos Rumos*, v. 57, n. 2, p. 5-20 Jul.-Dez., 2020. Acessar a Introdução ao texto em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/11392/6962>.

E acessar a parte I e II em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/11393>

O centro de gravidade da França não fica no Loire, em Orléans, mas ao norte, no Sena, em Paris; e a experiência provou duas vezes que, se Paris cai, toda a França cai.<sup>3</sup> Portanto, o significado militar da configuração das fronteiras da França é determinado principalmente pela proteção que eles oferecem a Paris.

Linhas retas de Paris a Lyon, Basileia, Estrasburgo e Lauterbourg têm aproximadamente o mesmo comprimento, cerca de 85 milhas; mas qualquer invasão da França pela Itália, destinada a Paris, deve avançar entre o Ródano e Loire na área de Lyon, ou mais ao norte, se suas comunicações não forem ameaçadas. Consequentemente, a fronteira alpina da França, ao sul de Grenoble, está fora de questão em conexão com um avanço em Paris; deste lado, Paris está totalmente coberta.

Em Lauterbourg, a fronteira francesa sai do Reno em ângulo reto e segue para noroeste; de Lauterbourg a Dunquerque, forma quase uma linha reta. O arco que desenhamos usando Paris-Lyon como raio e passando por Basileia e Estrasburgo até Lauterbourg está rompido no momento; a fronteira norte da França é mais parecida com o acorde deste arco, e o segmento do círculo localizado fora desse acorde não pertence à França. A linha mais curta de Paris à fronteira norte, Paris-Mons, tem apenas metade do comprimento do raio Paris-Lyon ou Paris-Estrasburgo.

Essas simples relações geométricas explicam por que a Bélgica deve ser o campo de batalha de todas as guerras travadas no norte entre a Alemanha e a França. A Bélgica ultrapassa todo o leste da França, desde Verdun e Upper Marne até o Reno. Ou seja: um exército que invade a Bélgica pode chegar a Paris mais cedo do que um exército francês estacionado entre Verdun ou Chaumont e o Reno; o exército que avança da Bélgica pode, portanto – se sua ofensiva for bem-sucedida – sempre conduzir uma barreira entre Paris e o exército francês de Mosela ou Reno; e ainda mais, desde o caminho da fronteira belga até os pontos de Marne que são decisivos para a ação de flanco (Meaux, Chiteau-Thierry, Epernay) é ainda mais curto que o caminho para Paris.

Não apenas isso. Ao longo de toda a linha do rio Meuse ao mar, o terreno não oferece ao inimigo o menor obstáculo no caminho para Paris até que ele chegue ao Aisne e ao Oise inferior, cujos cursos, no entanto, são bastante desfavoráveis à defesa de Paris.

---

<sup>3</sup> Paris foi capturada duas vezes pelas forças da coalizão anti-napoleônica. em 30-31 de março de 1814 e 6-8 de julho de 1815.

Paris contra ataques do norte: eles não apresentaram sérias dificuldades à ofensiva em 1814 ou 1815. Mas, mesmo admitindo que possam ser integrados ao sistema defensivo do Sena e de seus afluentes e que tenham sido parcialmente integrados em 1814, isso por si só é uma confirmação do fato de que a verdadeira defesa do norte da França, só começa em Compiègne e Soissons e que a primeira posição defensiva que protege Paris do norte fica a apenas 20 quilômetros de Paris.

É difícil imaginar uma fronteira estatal mais fraca que a fronteira francesa com a Bélgica. Sabemos como Vauban trabalhou para remediar a falta de meios naturais de defesa por meios artificiais; também sabemos como em 1814 e 1815 o ataque passou pelo anel triplo de fortalezas quase sem perceber. Sabemos que, em 1815, fortaleza após fortaleza caiu nos ataques de um único corpo prussiano após um cerco e bombardeio incrivelmente breves. Avesnes se rendeu em 22 de junho de 1815, depois de ser bombardeado por dez obuses de campo por meio dia. Guise se rendeu a dez armas de campo sem disparar um tiro. Maubeuge capitulou em 13 de julho, após 14 dias de trincheiras abertas. Landrecies abriu seus portões em 21 de julho, após 36 horas de trincheiras abertas e duas horas de bombardeios, depois que apenas 126 bombas e 52 tiros foram disparados pelos sitiantes, *pro forma*, as honras de uma trincheira aberta e uma única bola de 24 libras e capitulada em 28 de julho. Philippeville aguentou dois dias de trincheiras abertas e algumas horas de projéteis. Rocroi 26 horas de trincheiras abertas e duas horas de bombardeamento. Apenas Mézières aguentou 18 dias após a abertura das trincheiras. Havia uma fúria de capitular entre os comandantes, não muito mais fraca do que na Prússia após a batalha de Jena; e se for argumentado que esses lugares estavam em mau estado em 1815, com guarnições fracas e mal equipados, não se deve esquecer que, com algumas exceções, essas fortalezas devem *sempre* ser negligenciadas. O anel triplo de Vauban não tem valor hoje; é um obstáculo positivo para a França. Nenhuma das fortalezas a oeste do rio Meuse protege qualquer setor do terreno por si só, e, em nenhum lugar, quatro ou cinco podem ser encontrados que formam um grupo no qual um exército está protegido e, ao mesmo tempo, mantém sua capacidade de manobrar. A razão é que nenhuma das fortalezas está localizada em um grande rio. Os Lys, os Scheldt e os Sambre só se tornam importantes militarmente em solo belga e, portanto, a ação dessas fortalezas espalhadas em campo aberto não se estende além do alcance de sua artilharia. Exceto por alguns grandes depósitos de suprimentos na fronteira – que poderiam servir de base para uma ofensiva na Bélgica, e alguns pontos de importância estratégica para Meuse e Moselle – todos os outros pontos

fortes e fortes da fronteira norte da França não têm efeito além de uma dispersão de forças bastante inútil. Qualquer governo que os arrasasse prestaria um serviço à França; mas o que diria a superstição tradicional francesa?

Assim, a fronteira norte da França é altamente desfavorável à defesa; de fato, é indefensável, e o anel de fortalezas de Vauban, em vez de reforçá-lo, é hoje apenas uma confissão e um monumento a sua fraqueza.

Como os teóricos da grande potência da Europa Central na Itália, os franceses também buscam além da fronteira norte uma linha de rio que possa lhes proporcionar uma boa posição defensiva. O que poderia ser?

A primeira linha em mãos seria a do Lower Scheldt e do Dyle, continuando até onde o Sambre se une ao Meuse. Essa linha daria a maior parte da Bélgica à França. Compreenderia em si quase todos os famosos campos de batalha belgas em que franceses e alemães lutaram entre si: Oudenarde, Jemappes, Fleurus, Ligny, Waterloo.<sup>4</sup> Mas ainda assim, não faria uma linha de defesa; deixaria uma grande lacuna entre os Scheldt e os Meuse, pelos quais o inimigo poderia passar sem impedimentos.

A segunda linha seria o próprio Meuse. Se a França mantivesse a margem esquerda do rio Meuse, sua posição não seria tão favorável quanto a da Alemanha na Itália, se tivéssemos apenas a linha do Adige, que é muito arredondada, e a do Meuse, muito incompleta. Se passasse de Namur para Antuérpia, criaria uma fronteira muito melhor. Em vez disso, corre para nordeste a partir de Namur e somente depois de passar Venlo, flui para o Mar do Norte em um grande arco.

Em tempos de guerra, toda a região ao norte de Namur, entre o rio Meuse e o mar, seria coberta apenas por suas fortalezas; pois uma travessia inimiga do rio Meuse sempre encontraria o exército francês na planície de Brabante do Sul, e uma ofensiva francesa na margem esquerda alemã do Reno enfrentaria imediatamente a forte linha do Reno e diretamente o campo entrincheirado de Colônia. O ângulo de recuo do Meuse entre Sedan e Liège contribui para tornar a linha mais fraca, mesmo que o ângulo seja

---

<sup>4</sup> A *batalha de Oudenarde* ocorreu em 11 de julho de 1708, durante a Guerra da Sucessão Espanhola. Os franceses foram derrotados pelas forças aliadas arígio-austríacas. Na *batalha de Jemappes*, em 6 de novembro de 1792, o exército revolucionário francês conquistou uma grande vitória sobre os austríacos. Na *batalha de Fleurus*, em 26 de junho de 1794, os franceses derrotaram os austríacos. Esta vitória permitiu aos franceses entrar na Bélgica e ocupá-la. Na *batalha de Ligny*, em 16 de junho de 1815, os prussianos foram derrotados pelos franceses. Esta foi a última batalha vencida por Napoleão I. Na *batalha de Waterloo*, em 18 de junho de 1815, o exército de Napoleão foi derrotado pelas forças aliadas da Grã-Bretanha, Holanda e Prússia.

preenchido pelas Ardenas. Assim, a linha do Meuse dá muito aos franceses para uma boa defesa da fronteira em um ponto, e muito pouco para os outros. Vamos continuar.

Se colocarmos um ponto de nossas bússolas em Paris no mapa e, com Paris-Lyon como nosso raio, descrevermos um arco de Basileia para o Mar do Norte, descobriremos que o curso do Reno *de Basileia até sua boca segue esse arco* com precisão. Dentro de algumas milhas, todos os pontos importantes do Reno estão igualmente distantes de Paris. *Esta é a verdadeira razão do desejo francês pela fronteira do Reno.*

Se a França tem o Reno, Paris – em relação à Alemanha – será realmente o centro da França. Todos os raios de Paris às fronteiras atacáveis, seja no Reno ou no Jura, têm o mesmo comprimento. A todo momento o inimigo é confrontado com a periferia convexa do círculo e deve manobrar em desvios atrás dele, enquanto os exércitos franceses se movem no acorde mais curto e podem impedir o inimigo. Os comprimentos iguais das linhas operacionais e de retirada dos vários exércitos facilitam muito a retirada concêntrica, tornando possível combinar dois desses exércitos em um determinado ponto para um golpe maciço no inimigo ainda dividido.

A posse da fronteira do Reno tornaria o sistema defensivo da França, no que diz respeito às pré-condições *naturais*, uma daquelas que o general Willisen chama de "ideal", que não deixa nada a desejar. O forte sistema defensivo interno da bacia do Sena, formado pelos rios Yonne, Aube, Marne, Aisne e Oise, que fluem como um leque para o Sena e sobre o qual Napoleão deu aos Aliados lições tão duras sobre estratégia em 1814,<sup>5</sup> é, portanto, o primeiro, dada a proteção uniforme em todas as direções; o inimigo o alcançará praticamente ao mesmo tempo de qualquer lado e poderá ser mantido nos rios até que os exércitos franceses estejam em posição de atacar cada coluna inimiga isolada com forças unidas; enquanto que sem a linha do Reno, a defesa só pode se posicionar no ponto mais decisivo, em Compiègne e Soissons, a apenas 20 quilômetros de Paris. Não existe outra região na Europa na qual a defesa seja apoiada pelas ferrovias, concentrando rapidamente grandes forças tanto quanto no país entre o Sena e o Reno. As ferrovias irradiam de Paris como centro para Boulogne, Bruges, Gante, Antuérpia, Maastricht, Liège e Colônia, para Mannheim e Mainz via Metz, para Estrasburgo, Basileia, Dijon e Lyons. A qualquer momento o inimigo pode estar presente com maior força, toda a força do exército de reserva pode ser lançada contra ele por

---

<sup>5</sup> Nas batalhas de Montmirail, Château-Thierry, Reims e outros, em fevereiro e março de 1814, Napoleão derrotou as forças superiores da sexta coalizão anti-francesa.

ferrovia a partir de Paris. Em particular, a defesa interna da bacia do Sena é reforçada ainda mais pelo fato de que todos os raios ferroviários dentro dela atravessam os vales dos rios (o Oise, o Marne, o Sena, o Aube, em parte o Yonne). Mas isso não é tudo. Três arcos concêntricos de ferrovias correm a distâncias aproximadamente iguais de Paris por um quadrante ou mais de comprimento: o primeiro é o conjunto de linhas na margem esquerda do Reno, que agora correm quase sem interrupção de Neuss e Basileia; o segundo vai de Oostende e Antuérpia, passando por Namur, Arion, Thionville, Metz e Nancy até Epinal, e também é tão bom quanto completo; por fim, o terceiro se estende de Calais, passando por Lille, Douai, St. Quentin, Reims, Châlons-sur-Marne e St. Dizier até Chaumont.

O Reno teria apenas um defeito como rio fronteiriço. Enquanto um banco é todo alemão e o outro todo francês, o rio não é dominado por nenhum dos dois países. Um exército mais forte, de qualquer nação, não podia ser negado em nenhum lugar; já vimos isso cem vezes, e a estratégia explica por que deve ser assim. Em face de uma ofensiva alemã com forças superiores, a defesa francesa só poderia deter uma parada mais atrás: o exército do norte no rio Meuse, entre Venlo e Namur; o exército do Mosela no Mosela, talvez na confluência com o Saar; o exército do Alto Reno, no alto Mosela e no alto Meuse. Para dominar completamente o Reno e poder se opor energicamente a uma travessia inimiga com energia, os franceses teriam, portanto, de ter cabeças de ponte na margem direita. Portanto, era muito lógico da parte de Napoleão que ele incorporasse sumariamente Wesel, Kastel e Kehl ao Império Francês. Da maneira como está hoje, seu sobrinho perguntaria, como complemento às fortalezas finas que os alemães construíram para ele na margem esquerda do Reno, para Ehrenbreitstein, Deutz e, se necessário, também a ponte de Germersheim. Nesse caso, o sistema geográfico militar da França estaria completo para a ofensiva ou para a defensiva, e qualquer nova anexação apenas a danificaria. E quão natural o sistema parece, quão facilmente compreensível, foi surpreendentemente demonstrado pelos Aliados em 1813. A França havia estabelecido o sistema apenas 17 anos antes, e ainda assim era dado como certeza que os altos Aliados, apesar de sua preponderância de força e a falta de defesa da França, estremeceriam ao pensar em tocá-la, como se fosse um sacrilégio; e, se não tivessem sido levados pelos elementos nacionalistas alemães do movimento, o Reno ainda hoje seria um rio francês.

Mas se cedêssemos aos franceses não apenas o Reno, mas também as cabeças de ponte na margem direita, os franceses teriam cumprido com eles o dever que estamos cumprindo com nós mesmos, como Radowitz, Willisen e Hailbronner vêem, segurando o Adige e o Mincio com as cabeças de ponte de Peschicra e Mântua. Mas, com isso, teríamos tornado a Alemanha tão desamparada em *relação à França*, quanto a Itália agora em *relação à Alemanha*. E então, como a Rússia em 1813, ele seria o “libertador” natural da Alemanha (como a França, ou melhor, o governo francês, apresenta-se como o “libertador” da Itália atualmente) e só pediria – em pagamento por seus esforços altruístas – alguns pequenos distritos para completar a Polônia – digamos Galiza e Prússia; porque a Polônia também é “flanqueada” por eles!

O que o Adige e o Mincio são para nós, o Reno é para a França e muito mais vital. Se Venetia, nas mãos da Itália, e possivelmente da França, flanqueia a Baviera e o Alto Reno e descobre o caminho para Viena, a Bélgica e a Alemanha, via Bélgica, flanqueiam todo o leste da França e descobrem o caminho para Paris com muito mais eficiência. De Isonzo a Viena, ainda faltam cem quilômetros, em um terreno onde a defesa ainda pode se sustentar de alguma maneira; do Sambre a Paris são 30 milhas, e são apenas 12 milhas de Paris, em Soissons ou Compiègne, que a defesa possui qualquer tipo de linha de proteção do rio. Se, como diz Radowitz, abandonar o Mincio e o Adige colocaria a Alemanha desde o início em uma posição que alcançaria depois de perder uma campanha inteira, a França – com suas atuais fronteiras – está situada como se tivesse possuído a linha do Reno e perdido duas campanhas, uma nas fortificações do Reno e Meuse e a outra no campo, na planície belga. Até a forte posição das fortalezas do alto da Itália se repete de certa forma no Baixo Reno e no Meuse; não seria possível transformar Maastricht, Colônia, Jillich, Wesel e Venlo, com um pouco de assistência e alguns pontos intermediários, em um sistema igualmente forte, cobrindo completamente a Bélgica e o Brabante do Norte, o que permitiria a um exército francês que não é forte o suficiente para a guerra? Campo aberto para manobra, a fim de manter um exército inimigo muito mais forte nos rios e, finalmente, usar as ferrovias para se retirar para a planície belga ou para Douai sem impedimentos? Um nas fortificações do Reno e Meuse e outro no campo, na planície belga. Até a forte posição das fortalezas do alto da Itália se repete de certa forma no Baixo Reno e no Meuse; não seria possível transformar Maastricht, Colônia, Jillich, Wesel e Venlo, com um pouco de assistência e alguns pontos intermediários, em um sistema igualmente forte, cobrindo completamente a Bélgica e o Brabante do Norte, o que permitiria a um exército francês

que não é forte o suficiente para a guerra? Campo aberto para manobra, a fim de manter um exército inimigo muito mais forte nos rios e, finalmente, usar as ferrovias para se retirar para a planície belga ou para Douai sem impedimentos?

Ao longo deste estudo, assumimos que a Bélgica estava completamente aberta aos alemães atacando a França e era um aliado da Alemanha. Como tivemos que argumentar do ponto de vista francês, tínhamos o mesmo direito a essa suposição de que nossos oponentes no Mincio, quando assumiram que a Itália - mesmo uma Itália livre e unida - sempre seria hostil aos alemães. Em todos esses assuntos, é bastante correto examinar primeiro o pior caso e se preparar para ele como um começo; e é assim que os franceses devem agir ao considerar a defensibilidade e a configuração estratégica de sua fronteira norte hoje. Que a Bélgica é um país neutro de acordo com os tratados europeus, assim como a Suíça é algo que podemos ignorar aqui. Em primeiro lugar, resta provar o curso real da história que, em uma guerra europeia, essa neutralidade equivale a algo além de uma folha de papel e, em segundo lugar, a França não pode, de maneira alguma, contar com tanta firmeza a ponto de, militarmente, tratar toda a região fronteira com a Bélgica como se o país formasse um braço protetor do mar entre a França e a Alemanha. Em última análise, a fraqueza da fronteira permanece a mesma, tanto no caso dela ser, de fato, ativamente defendida, quanto se as tropas fossem apenas despachadas para ocupá-la contra possíveis ataques.

Traçamos o paralelo entre o Pó e o Reno de perto. Além das dimensões maiores no Reno que, no entanto, apenas reforçariam a reivindicação francesa, a analogia é tão completa quanto se poderia desejar. Espera-se que, em caso de guerra, os soldados alemães defendam o Reno no Pó praticamente com maior sucesso do que teoricamente os políticos da grande potência da Europa Central. Eles defendem o Reno no Pó, com certeza, mas - *apenas para os franceses*.

Quanto ao resto, se os alemães, em algum momento, tiverem a infelicidade de perder sua "fronteira natural", o Pó e o Mincio, levaremos a analogia ainda mais longe. Os franceses possuíam sua "fronteira natural" há apenas 17 anos e até agora tiveram que conviver sem ela por quase 45 anos. Durante esse período, seus melhores militares perceberam, teoricamente também, que a inutilidade do anel de fortalezas Vauban contra invasões baseia-se nas leis da guerra moderna e, portanto - que não foi por acaso nem por traição - eles gostam de invocar que permitiu-se que os Aliados em 1814 e 1815 marchassem entre as fortalezas imperturbáveis. A partir de então, ficou ainda mais claro



que algo precisava ser feito para proteger a fronteira norte exposta. Obviamente, porém, não havia perspectiva de obter a fronteira do Reno em um futuro próximo. O que deveria ser feito?

Os franceses conseguiram honrar um grande povo: eles fortificaram Paris; pela primeira vez na história moderna, eles realizaram o experimento de converter seu capital em um acampamento entrincheirado em uma escala colossal. Os especialistas militares da velha escola balançaram a cabeça sobre esse empreendimento imprudente. Dinheiro jogado fora por nada, além de arrogância francesa! Nada por trás, pura farsa; quem já ouviu falar de uma fortaleza a nove milhas de circunferência e com um milhão de habitantes! Como isso deve ser defendido, a menos que metade do exército seja lançada como guarnição? Como todas essas pessoas conseguem suas provisões? Loucura, vaidade francesa, frivolidade sem Deus, uma repetição da Torre de Babel! Foi assim que os pedantes militares julgaram o novo empreendimento, os mesmos pedantes que estudam a guerra de cerco a partir de um hexágono de Vauban e cujo método de defesa passivo não conhece um contra-ataque ofensivo maior do que a que resultou de uma coluna de infantaria, do caminho coberto ao pé da geleira! Mas os franceses continuaram construindo calmamente e tiveram a satisfação de que, embora Paris ainda não tenha sido submetida ao teste de fogo – os militares *unpedantic* de toda a Europa concordam com eles – que Wellington elaborou planos para a fortificação de Londres, que, se não estamos enganados, a construção de fortes destacados em torno de Viena já começou e a fortificação de Berlim está pelo menos em discussão. Eles mesmos devem ter aprendido com o exemplo de Sebastopol o quão tremendamente forte é um campo colossal entrincheirado, se for ocupado por um exército inteiro e a defesa for conduzida ofensivamente em larga escala.

Desde que Paris foi fortificada, a França pode ficar sem a fronteira do Reno. Como a Alemanha na Itália, ele terá que realizar sua defesa na fronteira norte ofensivamente, a princípio. O arranjo da rede ferroviária mostra que isso foi entendido. Se essa ofensiva é repelida, o exército se posiciona, definitivamente, em Oise e Aisne; para um avanço mais vigoroso 1) o inimigo não serviria mais a nenhum propósito, uma vez que o exército de invasões da Bélgica seria muito fraco, por si só, para agir contra Paris. Atrás do Aisne, em sólida comunicação com Paris, na pior das hipóteses, atrás do Marne, com sua ala esquerda apoiada em Paris, em uma posição ofensiva de flanqueamento, o exército do norte francês poderia aguardar a chegada dos outros exércitos. O inimigo não teria alternativa senão seguir em frente em Château-Thierry e operar contra as comunicações

dos exércitos franceses de Mosela e Reno. Mas a ação estaria longe de ter a importância decisiva que teria antes da fortificação de Paris. Na pior das hipóteses, a retirada dos outros exércitos franceses atrás do Loire não pode ser interrompida; concentrados lá, eles ainda serão fortes o suficiente para serem perigosos para um exército de invasões enfraquecido e dividido pelo investimento de Paris, ou para invadir Paris. Em uma palavra: a fortificação de Paris embotou o ponto de um movimento de flanco através da Bélgica; não é mais decisivo; e é fácil calcular as desvantagens que isso implica e os meios a serem empregados contra ela.

Deveríamos fazer bem em seguir o exemplo dos franceses. Em vez de nos deixarmos ensurdecer com os protestos sobre a indispensabilidade de uma posse fora da Alemanha, que se torna cada vez mais insustentável para a Alemanha todos os dias, devemos fazer melhor para nos preparar para o momento inevitável em que desistimos da Itália. Quanto mais cedo montarmos as fortificações que serão necessárias, melhor. Dizer mais sobre onde e como devem ser configuradas do que as ideias sugeridas anteriormente, não é nossa função. Só não vamos colocar pontos fortes ilusórios e, contando com eles, negligenciar as únicas fortificações que podem permitir que um exército em retirada se posicione: campos arraigados e grupos de fortalezas nos rios.

#### PARTE IV

Até agora, vimos aonde a teoria das fronteiras naturais avançada pelos políticos das grandes potências da Europa Central nos leva. A França tem o mesmo direito ao Reno que a Alemanha tem ao Pó. Se a França não anexar nove milhões de valões – holandeses e alemães para obter uma boa posição militar – também não temos o direito de submeter seis milhões de italianos por uma posição militar. E essa fronteira natural, o Pó, afinal é apenas uma posição militar e essa é a única razão pela qual a Alemanha deve mantê-la.

A teoria das fronteiras naturais põe fim à questão de Schleswig-Holstein com um único slogan: *Danmark til Eideren!* [Dinamarca até o Eider!]<sup>6</sup> Afinal, o que os

---

<sup>6</sup> *Dinamarca até o Eider!* - o slogan dos membros do partido liberal dinamarquês das décadas de 1840 a 1860 (Eider Danes) que apoiavam a união de Schleswig (até o rio Eider), povoada principalmente por alemães com a Dinamarca.

dinamarqueses estão perguntando além de seu *Pó* e seu *Mincio*, cujo nome é Eider, seu Mantua, Friedrichstadt por nome?

Pelo mesmo direito que a Alemanha reivindica o *Pó*, a teoria das fronteiras naturais exige, para a Rússia, a Galiza e a Bukovina e um arredondamento para o Mar Báltico, que inclui pelo menos toda a margem direita prussiana do *Vístula*. Em alguns anos, com igual demanda, o *Oder* seria a fronteira natural da Polônia russa.

A teoria das fronteiras naturais, aplicada a Portugal, deve estender esse país aos Pirineus e incluir toda a Espanha em Portugal.

Da mesma forma, a fronteira natural de Reuss-Greiz-Schleiz-Lobenstein<sup>7</sup> deve ser estendida pelo menos até a fronteira da Confederação Alemã e além dela até o *Pó* e talvez até *Vístula*, se as leis da justiça eterna forem cumpridas. Reuss-Greiz-Schleiz-Lobenstein tem tanto direito a seus direitos, quanto a Áustria.

Se a teoria das fronteiras naturais – isto é, fronteiras baseadas exclusivamente em considerações militares, estiver correta – como chamaremos os diplomatas alemães que no Congresso de Viena nos trouxeram à beira de uma guerra de alemães contra alemães, nos perderam o Meuse linha, expôs a fronteira oriental da Alemanha e deixou para estrangeiros estabelecer as fronteiras da Alemanha e dividi-la? Na verdade, nenhum país tem tantos motivos para reclamar do Congresso de Viena quanto a Alemanha; mas se aplicarmos o domínio das fronteiras naturais, como seria a reputação dos estadistas alemães da época? E são precisamente as mesmas pessoas que defendem a teoria das fronteiras naturais no *Pó* que vivem do legado dos diplomatas de 1815 e continuam a tradição do Congresso de Viena.

Deseja uma instância? Quando a Bélgica se separou da Holanda em 1830,<sup>8</sup> as mesmas pessoas que agora fazem do *Mincio* uma questão de vida e morte levantaram suas vozes. Eles levantaram um tom e choraram pelo desmembramento do forte poder fronteiriço holandês que deveria ter sido um baluarte contra a França e, de fato, que superstição permanece depois de todas as experiências de vinte anos! Cercar o anel de fortalezas de Vauban, que pelo menos é um exemplo imponente de seu tipo. Como se as

---

<sup>7</sup> Sob esse nome, Engels ironicamente une aqui dois estados alemães anões, Reuss-Greiz e Reuss-Gera-Schiciz-Lobenstein-Ebersdorf, pertencentes aos ramos mais antigos e mais jovens da dinastia Reuss. [Nota do editor original do livreto]

<sup>8</sup> Por decisão do Congresso de Viena de 1815, a Bélgica e a Holanda foram incorporadas ao Reino Unido dos Países Baixos, estando a Bélgica sob o controle da Holanda. A Bélgica tornou-se uma monarquia constitucional independente como resultado da revolução de 1830.

grandes potências temam que um belo dia Arras e Lille e Douai e Valenciennes marchem para a Bélgica, com todos os seus bastiões, *demilunes* e lunetas, e se sintam em casa! Naquela época, os porta-vozes da mesma tendência tímida que nos opomos, lamentamos que a Alemanha estivesse em perigo, já que a Bélgica não passava de um apêndice indefeso da França, um inimigo inevitável da Alemanha, e que as valiosas fortalezas construídas com dinheiro alemão (isto é, dinheiro retirado dos franceses) para proteger os franceses, estão agora abertas aos franceses contra nós. A fronteira francesa havia avançado para o Meuse e o Scheldt, e além; quanto tempo levaria até que fosse empurrado para a frente para o Reno? Muitos de nós ainda se lembram muito bem dessas lamentações. E o que aconteceu? Desde 1848, e particularmente desde a restauração bonapartista, a Bélgica se afastou cada vez mais resolutamente da França e para a Alemanha. Até agora, pode até contar como um membro estrangeiro da Confederação Alemã. E o que os belgas fizeram assim que se opuseram à França? Eles arrasaram todas as fortalezas que a sabedoria do Congresso de Viena havia imposto ao país, como sendo como sendo *completamente inútil contra a França* e ergueu em torno de Antuérpia um acampamento entrincheirado, grande o suficiente para acolher todo o exército e permitir que, no caso de uma invasão francesa, esperasse ali por ajuda inglesa ou alemã. E que as fortalezas valiosas construídas com dinheiro alemão (isto é, dinheiro retirado dos franceses) para proteger os franceses estão agora abertas aos franceses contra nós. E eles estavam certos.

A mesma política sábia que em 1830 queria manter a católica, principalmente a Bélgica de língua francesa, acorrentada à força pela Holanda protestante e holandesa, que a mesma política sábia busca desde 1848 manter a Itália à força sob opressão austríaca e nos tornar alemães responsáveis por Ações da Áustria na Itália. E tudo isso apenas pelo medo dos franceses. Todo o patriotismo desses cavalheiros parece consistir em cair em um estado de agitação febril assim que a França é mencionada. Parece que nunca se recuperaram dos golpes que o velho Napoleão lhes deu 50 e 60 anos atrás. Certamente não estamos entre aqueles que subestimam o poder militar da França. Sabemos muito bem, por exemplo, que no que diz respeito à infantaria leve e experiência e habilidade em travar uma pequena guerra, e certos aspectos da artilharia, nenhum exército na Alemanha pode comparar-se com os franceses. Mas quando as pessoas começam a falar frases sobre os 1.200 soldados da Alemanha, como se aqueles soldados estivessem ali parados, preparados como peças de xadrez com as

quais o Dr. Kolb pode jogar uma partida com a França pela Alsácia e Lorena<sup>9</sup> e – e quando essas mesmas pessoas tremem de botas com tudo o que acontece, como se fosse desnecessário dizer que esses 1.200 homens não podiam deixar de ser cortados em pedaços pela metade do número de franceses, a menos que *os duzentos e duzentos mil* (sic!)<sup>10</sup> se escondessem em posições inexpugnáveis – então é realmente hora de perder a paciência. Já é tempo de lembrar, contra essa política de defesa passiva que, mesmo que a Alemanha dependa de maneira geral de uma defesa com contra-ataques ofensivos, ainda assim nenhuma defesa é mais eficaz do que uma defesa ativa e ofensiva. É hora de lembrar que muitas vezes nos mostramos melhores em ataques do que os franceses e outras nações.

“Além disso, é da natureza inerente de nossos soldados atacar; e isso é certo” disse Frederico, o Grande, de sua infantaria; Rossbach, Zorndorf e Hohenfriedberg podem testemunhar como sua cavalaria poderia atacar.<sup>11</sup> O quanto a infantaria alemã de 1813 e 1814 estava acostumada a ser agressiva pode ser mais bem visto nas instruções bem conhecidas de Blücher para o início da campanha de 1815:

"Como a experiência mostrou que o exército francês não pode enfrentar os ataques de baioneta de nossos batalhões de massa, a regra é sempre fazer esses ataques quando o objetivo é invadir o inimigo ou tomar uma posição".

Nossas melhores batalhas foram batalhas ofensivas e, se existe uma qualidade definitiva do soldado francês que falta ao soldado alemão, é comprovadamente a arte de manter-se defensivamente em aldeias e casas; no ataque, o alemão se compara bem ao soldado francês e mostrou isso com bastante frequência.

Quanto à política em si, além dos motivos subjacentes, ela consiste no seguinte: primeiro, sob o pretexto de defender o interesse alemão alegado ou absurdamente exagerado, fazer-nos odiados por todos os países menores em nossas fronteiras e depois sermos indignados que tendem a se apegar mais à França. Foram necessários cinco anos

---

<sup>9</sup> O *Augsburg Allgemeine Zeitung*, cujo editor-chefe era o Dr. Gustav Koll), era na época a favor da Alemanha apreender a Alsácia e Lorena.

<sup>10</sup> Escrito dessa forma no original [Nota dos tradutores].

<sup>11</sup> Na *batalha de Rossbath*, em 5 de novembro de 1757, durante a Guerra dos Sete Anos (1756-63), o exército do rei prussiano Frederico II derrotou as forças franco-austríacas. Em 25 de agosto de 1758, em *Zorndorf*, Frederico II deu batalha ao exército russo, como resultado dos quais os dois exércitos sofreram sérias perdas sem conseguir nada. Na *batalha de Hohenfriedeberg*, em 4 de junho de 1745, durante a Guerra da Sucessão Austríaca (1740-48), o exército prussiano comandado por Frederico I derrotou as forças austro-saxônicas. A cavalaria prussiana desempenhou um papel importante em todas essas batalhas.

de restauração bonapartista para divorciar a Bélgica da aliança francesa na qual a política de 1815, continuou em 1830, a política da Santa Aliança,<sup>12</sup> tinha forçado; e na Itália, criamos uma posição para os franceses que certamente supera a linha do Mincio. E, no entanto, a política francesa em relação à Itália sempre foi estreita, egoísta, exploradora, de modo que, com qualquer tipo de tratamento honroso de nossa parte, os italianos teriam, sem dúvida, mais do nosso lado do que do francês. É sabido como Napoleão e seus governadores e generais consumiram entre 1796 e 1814 dinheiro, produtos, tesouros de arte e homens. Em 1814, os austríacos vieram como "libertadores" e foram recebidos como libertadores (o modo como eles libertaram a Itália é demonstrado pelo ódio que todo italiano tem pelos *Tedeschi* hoje). Tanto quanto a prática real da política francesa na Itália; quanto à teoria, basta dizer que ela tem um único princípio básico: a *França nunca pode tolerar uma Itália unificada e independente*. Esse princípio é válido para Louis Napoleão e, para garantir que não haja mal-entendidos, La Guéronnière deve proclamá-lo agora mais uma vez como uma verdade eterna. E, diante de uma política filistina de mente estreita por parte da França, uma política que reivindica o direito de intervir a vontade nos assuntos internos da Itália, diante de tal política, os alemães precisam temer que um *A Itália que não está mais sob domínio alemão direto* será sempre um servo obediente da França contra nós? É realmente risível. É a velha tonalidade de 1830 sobre a Bélgica. Por tudo isso, a Bélgica veio até nós, foi solicitada e a Itália teria que vir até nós da mesma maneira.

Também é preciso ter em mente que a questão da posse da Lombardia é uma questão entre a Itália e a Alemanha, mas não entre Luis Napoleão e a Áustria. *Em relação a um terceiro como Luis Napoleão, um terceiro que intervém em seu próprio interesse, que em outros aspectos é anti-alemão, o que se trata é simplesmente manter uma província que só será abandonada por compulsão, um exército, posição que somente será abandonada se não puder mais ser mantida. Nesse caso, a questão política recua imediatamente atrás da questão militar; se somos atacados, nos defendemos.*

Se Luis Napoleão quer aparecer como paladino da independência italiana, ele pode se dar bem sem uma guerra contra a Áustria. *Charité bien ordonnée commence par*

---

<sup>12</sup> A Santa Aliança, uma associação de monarcas europeus fundada em setembro de 1815 por iniciativa do czar russo Alexandre I e do chanceler austríaco Metternich para suprimir movimentos revolucionários e preservar monarquias feudais nos países europeus.

*soi-même*.<sup>13</sup> O "departamento" da Córsega é uma ilha italiana, apesar de ser a pátria do bonapartismo. Se Luis Napoleão foi o primeiro a ceder a Córsega a seu tio Victor Emmanuel, poderíamos estar prontos para conversar. Até que ele tenha feito isso, seria aconselhável manter seu entusiasmo pela Itália para si mesmo.

Não há poder de qualquer importância na Europa que não tenha incorporado partes de outras nações em seu território. A França tem províncias flamengas, alemãs e italianas. A Inglaterra, o único país que realmente tem fronteiras naturais, ultrapassou-os em todas as direções, fez conquistas em todos os países e agora está em conflito com uma de suas dependências, as Ilhas Jônicas, logo após fazer uma colossal rebelião na Índia, com métodos autenticamente austríacos. A Alemanha possui províncias semi-eslavas e anexos eslavos, magiares, valácios e italianos. E sobre quantas línguas o mestre do Czar Branco em Petersburgo!

Ninguém se atreverá a dizer que o mapa da Europa está definitivamente estabelecido. Mas quaisquer mudanças, se quiserem suportar, devem tender cada vez mais a dar às grandes e viáveis nações europeias suas *verdadeiras* fronteiras naturais a serem determinadas pela linguagem e pelos sentimentos dos companheiros, enquanto, ao mesmo tempo, os remanescentes de povos que ainda podem sejam encontrados aqui e ali e que não sejam mais capazes da existência nacional, permaneçam incorporados às nações maiores e se fundam a elas ou sejam conservados como relíquias meramente etnográficas sem significado político.<sup>14</sup> Considerações militares podem ser aplicadas apenas secundariamente.

Mas, se o mapa da Europa for revisado, nós, alemães, temos o direito de exigir que seja feito de maneira completa e imparcial, e que a Alemanha não deva ser solicitada, como de costume, a fazer todos os sacrifícios sozinha, enquanto todas as outras nações se beneficiam sem abrir mão de nada. Podemos sobreviver sem muita coisa que esteja nas nossas fronteiras e nos envolva em questões nas quais devemos fazer melhor para

---

<sup>13</sup> Provérbio popular francês que tem o sentido: "Você tem que pensar em si mesmo antes de cuidar dos outros" [Nota dos tradutores]

<sup>14</sup> As observações de Engels sobre o destino histórico de pequenas nações eram imprecisas: ele sustentava que, como regra, pequenas nações não foram capazes de existência nacional independente e foram obrigadas a serem absorvidas, no curso da centralização, por nações maiores e mais viáveis. Observando corretamente a tendência à centralização e a criação de grandes estados, inerente ao capitalismo, Engels não considerou devidamente outra tendência, a saber, a luta das pequenas nações contra a opressão nacional, pela independência e pelo estabelecimento de seus próprios estados. A história mostrou que muitas nações pequenas se mostraram capazes de desenvolvimento nacional independente e desempenharam um papel considerável no progresso da humanidade. [Nota do editor original do livreto]

não nos intrometermos diretamente. Mas o mesmo se aplica aos outros, exatamente igual; deixe-nos mostrar o exemplo de altruísmo, ou fique calado. Mas a soma e a substância de todo esse estudo é que nós, alemães, faríamos um bom negócio se pudéssemos trocar o Pó, o Mincio, o Adige e todo o lixo italiano por unidade, o que nos protegeria de uma repetição de Varsóvia e Bronzell, e que por si só pode nos fortalecer forte interna e externamente. Se tivermos essa unidade, a defensiva pode chegar ao fim. Não precisaremos mais de nenhum Mincio: “Nossa natureza inerente” será mais uma vez “atacar”; e ainda existem alguns pontos doloridos onde isso será necessário o suficiente.

Recebido em 10-11-2020

Aprovado em 07-03-2022